

MALTEZ
EX-“RANGER”, EX-PRISIONEIRO
DE GUERRA, EX-DEFUNTO

EXAUSTO DA GUERRA CANSADO DA VIDA



Incorporado numa companhia de “rangers”, Maltez parte para Moçambique. Em 1971 é apanhado numa emboscada e passa 36 meses num campo prisional da Frelimo, na Tanzânia. A sua morte é entretanto comunicada à família, que lhe faz as exéquias. Muito perturbado, regressa a Portugal em 1974. Assalta o cemitério da aldeia para verificar que na urna só estavam pedras; os desequilíbrios motivam uma situação difícil para a companhia, e acabam por se separar. Uma velha viúva da aldeia, que lhe dava algum trabalho e apoio, acaba por ser morta às suas mãos, por estrangulamento. Depois, declarado inimputável e perigoso, passou a viver entre a prisão e o hospital psiquiátrico. Agora voltou à aldeia, no âmbito de uma libertação a título de ensaio. Com 42 anos, Maltez é um gigante envelhecido e que sofre.

TEXTO: FERNANDO SEMEDO
FOTOGRAFIAS: LUÍS RAMOS

A memória, a falta dela relativamente aos factos da guerra, é o primeiro grande sinal da perturbação de Manuel Maltez — um homem enorme, pesado e inseguro, que fuma cigarros atrás de cigarros. Não é ele, portanto, quem pode fornecer grandes dados sobre a sua passagem pela guerra colonial. Sabe-se que fez parte da incorporação 13/86-69, que tirou o curso em Lamego e que foi para Moçambique integrado na terceira companhia dos “rangers”. Com o nº 119.443.

Em 1971 foi alvo de uma emboscada da guerrilha, em Moeda, Tete, no Norte. Atingido na cabeça por estilhaços de uma mina, acabou por ser feito prisioneiro, juntamente com a restante companhia. Esteve, desde então, num campo da Frelimo situado na Tanzânia. É de imaginar que o tratamento médico não tenha sido o melhor e que a assistência prisional também não fosse brilhante.

Só depois do 25 de Abril se soube da existência deste grupo de militares portugueses. A libertação não tardou: um avião português levou-os para Moçambique, de onde vieram para Portugal. Para trás ficava um período da vida que Maltez recorda com dificuldade. Lembra-se de maus tratos e de torturas. Em estados de grande perturbação, com perda de consciência, lembrou-se com maior nitidez de algumas situações mais violentas.

“Agora ando com uma cisma em cima que me vem à cabeça, que é quando mataram um alferes. Estávamos quatro portugueses naquela altura. Não sei como é que eles descobriram que ele era alferes, que nós não o tratávamos assim para que não soubessem. Eles detestavam os oficiais. Lá dentro, entre nós, só nos tratávamos por ‘pá’ para aqui, ‘pá’ para ali. O certo é que um dia apareceu lá o director da

prisão. Chamaram-no, disseram para se encostar ali, entrou um soldado e deu-lhe um tiro. Assim, ali.”

Quando estas recordações lhe vêm à ideia, um tremor percorre-lhe todo o corpo. “Há dias, acordei todo a tremer, a tremer e a ouvir a voz e a língua dos do campo de concentração. Tremia, tremia e só então comecei a ouvir falar português e vi que não estava lá, mas na prisão. Já umas três ou quatro vezes que a cisma me veio à cabeça.”

“Há dias,
acordei todo a
tremer, a tremer
e a ouvir a voz e a
língua dos do campo
de concentração.
Tremia, tremia e
suava e só então
comecei a ouvir fala
português e vi que
não estava lá,
mas na prisão. Já
umas três ou quatro
vezes que a cisma
me veio à cabeça.”

Estas “cismas” surgem-lhe quando está detido no anexo psiquiátrico de Santa Cruz do Bispo, de onde saiu para um período de libertação experimental há cerca de ano e meio. Mas, embora com menos violência, já as sentira antes. “Começo a pensar no passado e vem-me à cabeça. É esta cisma que vai dar cabo de mim em pouco tempo. Isto é uma coisa louca que eu sinto.”

De resto, não se lembra de nada. “Fiquei sem memória. Não me recordo da malta >>